

# SERMAM

DO

Grande Patriarcha dos Pobres

# S. FRANCISCO

PREGADO

*No Convento de Santo Antonio dos Capuchos desta Cidade do  
Rio de Janeiro*

PELO M. R. PADRE MESTRE  
FRANCISCO DE MATTOS  
da Companhia de JESUS, sendo  
Reytor do seu Collegio da mes-  
ma Cidade:

*Com o Santissimo Sacramento exposto, no anno de 1696.*



LISBOA,  
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAÕ.

---

M. DC. XC. IX.  
*Com todas as licenças necessarias.*

25

SERRAMAM

do

Grande Paroquia dos Pobres

S. FRANCISCO

PREGADO

Locatario de S. Francisco de Assis da Paroquia de S. Francisco do Largo

FRANCISCO DE MATEOS

da Companhia de Jesus, sendo

Reitor do seu Collegio da mesma

Cidade:

na Cidade:

Com o qual se trata o seguinte negocio:



LISEBVA

N.º Oficial ANTONIO FERREIRO DA SILVA

M D C X I X

Carta de S. Francisco de Assis



# SONETOS

*Do Capitão de Cavallos Francisco Sodré Pe-  
reyra, em louvor do Autor.*

**D**E hũa Aguia, que nos mattos generosa  
Vive galhardamente em Companhia,  
Naõ me admiro, que suba em demasia  
A ver da luz a fonte luminosa.

Sim me espanto de ver que vagarosa  
A fama, naõ fazendo o que devia,  
Dilatasse o mostrar a bizzarria  
Da erudiçaõ desta obra taõ famosa,  
Em que virtudes de Francisco, & glorias  
Soube o Autor de modo encarecellas,  
E com taõ doce estylo relatallas,

Que ha razões para crer muito notorias,  
Que se Deos só he capaz de conhecellas,  
Elle só foy capaz de declarallas.



O U T R O .

**S**E só aquelle, que he de hũ mal ferido,  
Pòde nelle fallar com propriedade,  
Por lhe ter penetrado a qualidade,  
E na sua experiencia conhecido:  
Sò Francisco de Mattos entendido,  
Enfermo, que he do bem de santidade,  
Pudera encarecer com novidade  
As grandezas de hũ Santo tão sobido;  
Pois não fallára tão discretamente  
Da vida de Francisco incomparavel,  
Nem fizera Sermaõ tão grandioso,  
Quê não fosse como o Autor mestre sciente,  
Charitativo, cortesaõ, affavel,  
Devoto, pio, Santo, & generoso.



*Nemo novit Filium nisi Pater.*

Matth. cap. II.

## SENHOR.



**A** DIZER agora, quem foy, mas sem nos mostrar quem he o unico Serafim da Igreja militante Francisco, nos persuade hoje o Evangelho da sua Festa. Persuadenos este Evangelho a dizer hoje quem foi S. Francisco, aquelle Anjo entre os homẽs, aquella admiracão para os Anjos, porque a isso sãõ obrigados os Oradores deste dia, & deste lugar, ouvindo aquelle Evangelho. Mas porque lido todo com advertidas atencões, não vemos nelle semelhança algũa, que nos retrate quem S. Francisco foy; deyxã de nos dizer, quem he. Antes examinada a sua substancia com reflexões multiplicadas, nos impossibilita o conhecimento do que S. Francisco he,

porque nos diz que só Deos sabe o que foi. Dous sãõ os Filhos de Deos, que hoje se encontraõ na solemidade deste dia: Christo seu Filho natural, & S. Francisco seu Filho adoptivo: se queremos saber quem he o Filho natural de Deos, diz o Evangelho, que só o conhece o Pay: *Nemo novit Filium nisi Pater*. E ler a Igreja o mesmo Evangelho, quando queremos dizer, quem foi este Filho de Deos adoptivo, he dizernos tambem, que só o Pay, que o adoptou, o pôde conhecer: *Nemo novit Filium nisi Pater*. As lições Evangelicas, que a Igreja costuma applicar nos dias festivos dos Santos, sãõ hũs Indices do que elles foraõ: sãõ como retratos de suas vidas. E se o Evangelho deste dia, que he todo do Filho de Deos, a Igreja o accõmoda a S.

Francisco, havemos de dizer, que assim como Deos sô conhece ao Filho natural, assim tambem sô conhece ao adoptivo. He verdade, que nós tambem sabemos, que este Filho adoptivo de Deos, he grãde Santo, mas não sabemos, que Santo he: esse conhecimento he João do Pay, que o adoptou: *Nemo novit Filium, nisi Pater.* Não sabemos o que he S. Francisco, assim como sabemos o que são os Mysterios da Fé: os Mysterios da Fé sempre ficam escuros, ainda depois de cridos: & assim he a santidade de S. Francisco, no mesmo tempo encuberta, & conhecida: entre sombras, & vista.

A Fé divina distingue-se da humana, assim por razão dos objectos, que se creem, da ordem divina hũs, & da humana outros; como tambem por razão da authoridade de quem os persuade a crer, ou a de Deos, ou a dos homẽs. E assim hũa como outra Fé; assim a Fé divina, que faz crer que hã Deos, que não vemos; como a Fé humana, que faz crer, que há Roma, aos que a não virãõ, sempre hẽ: *Argumentum rei non apparentis*: conhecimento do que se não vê claramente, & deste modo conhecemos nós a S. Francisco por Fé humana: cremos que he para muy altos conceitos a santidade de S. Francisco,

mas não penetramos, o que nesta santidade cremos; he santidade para ser vista por Fé: & por isso taõ venerada como escondida. E nem porque menos conhecido, deixa S. Francisco de ser o que he: este Filho da adopção divina tanto mayor se nos deve representar, quanto mais o perdemos de vista: não deixa de ser o que he, a grandeza retirada. E para prova desta verdade tenho por mim muitas escrituras: não he consideração sem muito fundamento; comecemos pelo Evangelho, que hoje ouvimos: neste vemos ao Filho de Deos agradecido ao Eterno Padre: *Confiteor tibi Pater*: que foi o mesmo, que dizer: *Gratias ago*: explica Tertuliano, porque o escondeo dos sabios com arrogancia: *Quia abscondisti: hæc à sapientibus*; & posto que as mesmas graças lhe dà porque o revelou aos ignorantes com humildades: *Et revelasti ea parvulis*: ainda para elles mesmos não ficou de todo visto, porque sô ficou conhecido por fé da revelação: *Revelasti*: & a Fé he hum conhecimento do que se não vê de todo: *Argumentum rerum non apparentium*. Esta he a escritura do Evangelho, que nos deu o Thema: vamos com as outras escrituras, que o confirmão. Na ineffavel obra da Encarnação, assim revelada, como executada,

Tertul.  
lib. 4.  
contra  
Marcion.  
cap. 25.

entada, sempre Deos se mostrou escondido entre sombras, quando se revelou, & quando se executou entre sombras. Assim se vio na luta de Jacob com Deos; porque com o mesmo Deos dizem muitos que foi aquella luta; & que tambem foi a figura mais propria da uniao entre o divino Verbo, & a natureza humana: he consideração sem controversia. E não durou o laço desta uniao representado no abraço daquelle luta, senão em quanto durarão as sombras da noyte: em chegando as luzes da manhã, & tanto que ouve Aurora, não ouve abraço, nem luz: deu-se por representada a figura da Encarnação: *Demitte me, jam enim ascendit Aurora*: & o que foi pronosticado na figura, foi visto no figurado: porque he opiniao muito recebida, que a hora da Encarnação, ou foi no principio, ou no fim do dia: & na doutrina de Cassiano, & de outros, foi pella meya noyte. O principio da redempção do mundo foi o Nascimento de Christo; & este já depois de muyta noyte andada: *Cum nox medium iter haberet*: assim como Deos se vinha chegando para nós, se hia escondendo a si: escondese na nossa humanidade quando encarnou; & escondese entre as sombras da noyte quando nasceo. Para Christo ficar

no mundo, ainda depois de morrer, deixou-se escondido no Sacramento: perpetuo alli a sua presença retirado da nossa vista. E o tempo desta tão grande fineza, foi tambem o da noyte: *Cena facta*: negou-se Christo à lux do dia, para se nos dar no Sacramento. Quando Deos quer fallar a hũa alma, retirase com ella como para o escondido de hũa deserto: *Ducam eam in solitudinem, & loquar ad cor ejus*: he o trato com Deos a consequencia do retiro dos homens: & para hũa alma fallar com Deos tambem o hade buscar escondida no interior da sua casa: *Intra in cubiculum tuum, & clauso ostio, ora Patrem tuum in abscondito*: fugir da publicidade do mundo, & achar-se no sagrado com Deos, tudo vem a ser a mesma cousa. Finalmente a salvação de todos os remidos por Christo depende do Baptismo: *Baptizantes eos*: & o Baptismo como he Sacramento, he tambem segredo, & he hũa segredo fechado com outro segredo: fechado com o segredo do Altissimo Mysterio da Trindade: *In nomine Patris, & Filij, & Spiritus Sancti*; & enere o escondido de tantos segredos se salva o mundo todo.

Logo se a salvação de todo o mundo, a uniao das almas com Deos, os Mysterios da Redempção, Eucharistia, & Encarna-

carnação, assim se fecharam em segredos, acautelaram com retiros, & esconderam entre sombras; não deixa S. Francisco de ser o que he, ainda que tão remontado de nossos olhos, que só o vejaõ os de Deos: *Nemo novit Filium nisi Pater.* E este vem a ser o assumpto do Sermão. S. Francisco conhecido, se se conhecer: visto sem se ver. Mais claro ainda. S. Francisco mais conhecido, quando se não conhece; mais visto, quando se não vê. Assim como o conceito que fazemos de Deos, mais altamente o representa, porque o não podemos comprehender;

a santidade de S. Francisco da-se a ver mais elevada, porque a não podemos medir. A mesma confissão de não sabermos dizer quem S. Francisco foi, será o mayor conhecimento de quem he: quanto mais o ignorarmos, o conheceremos mais. Confesso que a empreza he muito grande: mas muito mayor he a graça daquella Senhora, que por ser Mãe de quem só conhece a S. Francisco, nos fará dizer quem he, ainda quando dissermos que não sabemos, quem foi. Peçamoslhe esta graça.

*Ave Maria.*

~~~~~

*Nemo novit Filium nisi Pater.*

**E**M tres diversas considerações, devendo ser em mais que muitas, havemos de ver hoje, se Deos só, ou tambem os homens sabem quem he S. Francisco. Devião ser mais que muitas estas considerações, porque as que podem ser, não bastão, para igualarmos com tão grande assumpto. E por isso, como S. Francisco considerado o que foi na Santidade, he hũ Oceano, que se não acaba de navegar; hum edificio, que se não pôde comprehender; & hum Ceo, que se não chega a medir; a oração, em que o

quizermos engrandecer, nunca o poderá emparelhar. Com tudo nas tres considerações, que digo, se não surcarmos todo este Oceano, senão debuxarmos todo este edificio, & se não contemplarmos todo este Ceo; este mesmo não poder tanto, será o melhor dizer de tudo. Dividamos logo as tres considerações, que prometto: & serão como tres ramos para nos encaminharmos pello dilatado mar de tão rara Santidade. Em hũa destas considerações representaremos a S. Francisco vivo: em outra ponderaremos



remos a S. Francisco morto: & em outra retrataremos a S. Francisco glorioso. E já que havemos de hir seguindo a S. Francisco por estas differenças de tempo, que são as que medem a vida, a morte, & a eternidade; vejamos primeiro se podemos saber quem foi em quanto vivo. Isto mesmo, que nós agora queremos saber de S. Francisco por devação nossa, queria S. Francisco saber de si por confusão sua: depois de desejar S. Francisco saber quem era Deus, para se admirar, dizendo muitas vezes: *Senhor, quem sois vós?* desejava saber de si quem era, para se confundir, & dizia no mesmo tempo: *Quem sou eu?* E acompanhava estes seus desejos com hum oração também sua, na qual dizia a Deus: *Dai-me Senhor hum perfeito conhecimento da vossa grandeza, & do meu nada.* Conhecendo S. Francisco a grandeza de Deus, queria ver em Deus, o que era Deus: & conhecendo o seu nada, queria ver em si, o que elle mesmo era. Se hum destes desejos o levantava, outro o abatia: se hũa vezes sobia ao mais alto, outras descia ao mais baxo. Era esta elevada suspensão hũa balança, na qual se pezava o muito de Deus, & o nada de Francisco; & assim o muito de Deus, co-

mo o nada de Francisco pezava infinito. Pezava infinito o muito de Deus, porque a consideração da sua grandeza não tinha termo na admiração do *Quem sois vós?* & pezava infinito o nada de Francisco, porque a consideração da sua humildade não tinha fim na confusão do *Quem sou eu?* A parte da balança em que se pezava o ser de Deus, sobia tanto para cima, que se perdia o entendimento de Francisco quando perguntava: *Quem sois vós?* E a parte da balança, em que se pezava o não ser de Francisco, descia tão para baxo, que desaparecia o seu profundo abatimento quando perguntava: *Quem sou eu?* Hũa, & outra pergunta: *Quem sois vós, & quem sou eu,* não tinham resposta; porque o perguntado de ambas não tinha fim, que o correspondesse. Quanto tempo ha, que está sem resposta aquella pergunta, que deu o nome ao Archânjo S. Miguel: *Quem como Deus: Quis sicut Deus:* por não haver que seja como Deus? Pois assim mesmo vão durando, & hão de durar, sem serem respondidas estas perguntas de S. Francisco: *Quem sois vós, & quem sou eu:* porque não ha entendimento, que comprehenda o muito infinito de Deus, nem conheça o infinito nada de São Francisco. Assim sabia S. Fran-

cisco de si, o que era para si, medindo-se pela grandeza de Deos: sabia, que era nada. E nós havemos de ver hoje o que S. Francisco he para nós, medindo-o pelo seu mesmo nada, havemos de ver que he muito.

E por isso muito nos dá que considerar agora, & nos ha de ir dando até o fim do Sermão este nada, que com tantos affectos S. Francisco chamava seu, quando pedia a Deos o perfeito conhecimento do seu nada: justamente era este nada só particular de São Francisco; porque não era como o nosso nada commum a todos. O nosso nada, que foi o que precedeo à criação do mundo; como del-le fez Deos tudo, teve por termo o mundo todo: & todas as estimações, que o mundo fazia de S. Francisco, não podião pôr, nem dar termo ao conceito do seu nada. O nosso nada não deixa de ser alguma cousa, porque ao menos he pô: *In pulverem revertetur*: & o nada de S. Francisco no seu conceito, nem pô era, porque era hum nada sem termo algum: era hum nada infinito: era hum *Quem sou eu?* sem resposta. Esta he a differença do nada de S. Francisco, & do nosso nada: o nosso teve termo, o seu, não: o nosso sendo nada, pela nossa soberba, ainda hoje peza para cima; & o seu posto

que tambem nada, sempre pe-zou para baxo. E ainda no mesmo nada de S. Francisco ha outra differença mais singular, conhecido por elle, & conhecido por nós este seu nada. O nada de S. Francisco conhecido por elle, o que lhe representava, era nada; & conhecido por nós, o que nos representa he hum S. Francisco: o nada de S. Francisco quanto mais conhecido por elle, tanto S. Francisco era mais nada; & quanto mais conhecido por nós, tanto mayor Santo vemos em S. Francisco: como aquelle seu nada era perfeitaissima virtude, sempre era santidade, ainda sendo nada. E nestes termos hũa vezes implicados, & outras complicados em S. Francisco, parecendo no mesmo tempo conhecido em quanto Santo, & não conhecido em quanto nada, poderei eu dizer quem S. Francisco foi? Poderey dizer quem S. Francisco he, sendo elle no seu conceito hum nada, & sendo este seu nada no nosso conceito hum infinito? Eu não, Deos sim, porque só Deos comprehende este infinito, só Deos sabe o q̄ val este nada: *Nemo novit Filium nisi Pater.*

Dirão com tudo os que ouvem estas ponderações deste nada infinito de S. Francisco, que por muitas vezes o virão

Ex Ec-  
clesia.

taõ generoso em suas acções, que não diziaõ estas com o abatimento do seu nada. Desafiava o Inferno, refreava o fogo, amansava o mar, encarcerava os ventos, domava as feras, & domesticava as aves: & faõ estas acções de quem era nada? Nas campanhas dos desprezos dos homês, das adversidades da vida, dos applausos humanos, dos perigos do mundo, das injurias plebeas, & das honras temporaes, onde perigáraõ os mais poderosos, & foraõ vencidos os mais experimentados, foy S. Francisco, o que sempre triunfou, & nunca cedeo a taõ armados inimigos: & poderia lograr tantas victorias, quem era nada? Que delegado houve de poder sobre a natureza, que não igualasse, ou não excedesse São Francisco? Quantas vezes fez vir a terra com frutos fóra de tempo, & tambem com agoa fóra de toda a esperança de a haver para matar a fome, aos que com ella acabavaõ; & a fede aos que della morrião? Quantas vidas restituhio a cadaveres ja despojados da morte, & livrou della, aos que ja a vião em manifestos perigos? Que enfermidade havia desesperada de remedio, na qual não dispensasse cõ saude milagrosa? E que corpo disforme por falta de olhos, pès,

& mãos, & ainda monstruoso de nascimento, que não repuzesse na sua natural fermosura? E havemos de conceder huma potencia de tanta esfera, a que era nada?

Reconheço a duvida, & vejo, que a sua força faz não erer que fosse S. Francisco hum Santo, que era nada olhando elle para si, & podia tudo olhando nõs para elle. Mas este he o mais proprio conhecimento, q̃ de São Francisco podemos ter, pois era hum Santo, que quanto mais era, tanto menos se deixava ver: era hum Santo para se ver, outro para se erer. Como era Santo para ser conhecido por fé, havia-se de ver nelle hũa cousa, & havia-se de erer outra; havia-se de ver, que podia tudo, & havia-se de erer, que era nada. Por isso o Sacramento da Eucharistia he por antonomasia o Mysterio da Fé, diz Innocencio III. porque nel- Innoc. 3.  
le vemos hũa cousa, & cremos outra: *Mysterium Fidei, quoniam aliud cernitur, & aliud creditur*: o que vemos, he nas especies paõ, & vinho; & o que tremos, he na realidade carne, & sangue: *Cernitur species panis, & vini; creditur veritas carnis, & sanguinis*: & tal he o Serafico Francisco, hũa cousa para a vista, outra para a fé: para a vista, quer Deos, que vejamos hũ

São Francisco, para a Fè que S. Francisco que creamos hũ nada. Isto mesmo nos obriga a crer a obra mais gloriosa, que S. Francisco fez, & foy esta a creação de sua sagrada Familia, que não teve menos original, que a Divina Omnipotencia. Porque assim como Deos com o seu infinito poder, de nada fez tudo; S. Francisco em não ter nada fundou o tudo, que tem a sua sagrada Religião. O que nella se vê: *Quod cernitur*: he o seu tudo; & o que nella se crê: *Quod creditur*, he o seu nada. E ainda com huma vantagem ao que Deos fez na creação do mundo: porque o nada de que Deos fez o mundo todo, deixou de ser nada, para Deos fazer tudo: & a sagrada Religião de S. Francisco, como Esposa sua, (porque assim lhe chamava) no mesmo tempo, em que ella tem o seu tudo, ainda dura o seu nada: & ja que por ser Esposa de S. Francisco, tem neste nada o dote todo, se deixar de ser o seu nada, acabará de ser o seu tudo. E como não havia isto de ser assim, se sempre as obras se parecem com os seus Autores? Se S. Francisco sendo nada pedia tudo; como não se havia desposar com hũa Religião unica, que tem o seu tudo em não ter nada? Como não havia de ser assim isto, se São Francisco

he hum Santo sendo visto, & outro sendo crido: Sendo visto, he Delegado de Deos com muito poder; & sendo crido, hum nada sem poder algum.

Supposto pois que só Deos sabe quem S. Francisco foi, & S. Francisco nos não deixou ditto quem era; vejamos se o podemos conhecer pelo que não era. Porque de dous modos podemos definir, ou descrever qualquer cousa: hũa vez dizendo o que he: outra vez dizendo o que não he: & nesta supposição temos que ouvir dizer a S. Francisco de si mesmo, o que não era. Na Praça de Affiz confessandose S. Francisco publicamente indigno das estimasções do mundo, disse em voz levantada a hum innumeravel concurso de gente, que lhe ouvia, & admirava a protestação do seu abatimento; que vivião enganados, os que o julgavão Santo. Porque nẽ era santidade, a que nelle apparecia: nem era mortificação, a que no seu aspecto se venerava: & nem era penitencia, a que delle se dizia, ou austeridade, a que do seu tratamento se cuidava. E concluiu este Sermão, que de si mesmo fazia S. Francisco, dizendo a todos: Não deis credito ao que em mim vedes: crede só ao que me ouvís; & daqui por diante seja eu o alvo do

vossa

vosso desprezo, como de hũ homem que com virtude apparete encobre a relaxação verdadeira. Isto foy o q̃ S. Francisco disse de si, quando disse o q̃ não era: disse q̃ não era Santo, q̃ não era mortificado, & que não era penitente, nem austero. Eu não reparo em que S. Francisco dissesse de si, que não era: porque como elle media o seu abatido ser por contraposição ao ser altissimo de Deos, havia de dizer de si que elle era o que não era, havendo de si dito Deos, q̃ elle era, o que era: *Ego sum, qui sum.*

Exod. 3.

No que reparo he, que depois de se saber, que hũ Anjo viera do Cco a eleger o lugar para nascer S. Francisco; & que outro Anjo fora o seu Padrinho do Baptismo; & que outro Anjo tomando-o em hũa occasião dos braços da ama, que o criava, o tratára nos seus com as mesmas affabilidades, como se elle fosse a propria ama; imaginasse, que se havia de crer, q̃ não era Santo: & não era Santo, quem era tão servido de Anjos: Hũ Anjo para o nascimento, outro Anjo para o Baptismo, & outro Anjo para a criação? Reparo que chamasse São Francisco santidade fingida, a que lhe havia merecido muitas vezes a conversação, & vista de Christo, & sua Mãe Santissima: a que o fazia prever o futuro,

penetrar os segredos do coração, ser obedecido dos demônios, & ouvido nas suas pregações das aves: & não he isto ser Santo? Reparo que se negasse São Francisco a si aquella santidade, que tinham reconhecido os duros marmores, quando para livrar da injusta ira de seu pay, como se fossem de cera branda, cedêrão de sua dureza escondendo-o dentro de si mesmos: & que quizesse S. Francisco escurecer aquella santidade admirada de seus Religiosos, quando benzendo hum só pão, sustentou com elle hũa Comunidade inteira: quando no tempo, em que visitava os Conventos de sua obediencia, o virão ser levado em hũa carroça de fogo: & não erão estes prodigios argumentos da mayor santidade? Reparo que depois de ser visto S. Francisco servir nos Hospitales aos enfermos mais asquerosos, applicando muitas vezes a boca às chagas de mayor horror: depois de lançado em lagos de frigidissima neve para triunfar dos inimigos da pureza: depois de sofrer as afrontas de muita plebe, que o havia tratado, como a homem indigno do respeito humano: depois de tantos, & tão heroycos actos de mortificação, intimaſse São Francisco aos que os vião, que os não

creffem. Reparo que confitão a sua mesa das mais humildes plantas da horta, & essas cruas: não tendo outra cama mais q̃ a dura terra: acrescentando á aspereza do cilicio a de hum grosseiro sacco, que juntamente a encobria, & augmentava: velando as noites inteiras para fazer incessantemente guerra ao descânço do corpo com rigorosas disciplinas de muitas horas: jejuando continuamente, & tanta parte do anno a pão, & agoa, que erão contados os dias, em que fcriava este rigor: & houve tempo, em que com meyo pão passou quareta dias de jejum retirado em hum deserto. Reparo, & he para reparar, que a tão manifesta penitencia, & a tão profiada austeridade chamasse S. Francisco simulada virtude, & vida relaxada. Se os olhos dos homens tudo isto viaõ, como queria S. Francisco, que não creffem os homens, o que vião os homens? Como dizia que não era, o que se estava vendo, que era? Eu o digo.

Era S. Francisco hum Santo, que para ser mais conhecido, não se havia de conhecer: depois de vistas em S. Francisco tantas demonstraões de santidade, havia dizer de si, que não era Santo, para que ficasse essa mesma santidade tanto

mais vista, quanto menos se deyxava ver: mais avultada, quando mais escurecida. Fez a humildade de São Francisco quando na praça de Affiz disse que enganava, o que fez o odio dos inimigos de Christo, quando no Tribunal de Caifaz disserão, que blasfemava: *Au-*  
*disti blasphemiam.* Porque assim Matth.  
26. como aquella blasfemia nos Ministros daquelle Tribunal era odio de Christo: este desprezo, este abatimento em S. Francisco era como odio de si mesmo: se de Christo se blasfemar disserão seus inimigos, q̃ tinha blasfemado: S. Francisco sem enganar disse aos que lhe admiravão a virtude, que viaõ enganados: quiz ajuntas ao odio, que teve do seu corpo perseguido-o com penitências, o que parece mostrava ter a sua alma, negandolhe as virtudes. Porém enganos por São Francisco ditos, & de ninguém vistos, fizerão, que a sua virtude fosse mais conhecida, quando elle a queria escurer. Assim como a blasfemia não dita por Christo, & só de seus inimigos ouvida, fez que a sua santidade ficasse mais vista, quando elles a querião cegar: a humildade de S. Francisco, sendo como nuvem, que lhe encubria a virtude, a fez mais manifesta: & o odio dos inimigos de

Christo, quando era horrivel  
sombra, que lhe escurecia a san-  
tidade, então a deixou mais  
clara.

E a razão radical de tudo isto he, a que já tenho dado: he porque São Francisco he Santo para se conhecer por fé, & a Fé, quando nos manda crer, faz, que se conheça o que he, entre as sombras do que não he: faz que entre as especies do Sacramento da Eucharistia, que não são o corpo de Christo, creamos no corpo de Christo, que debaixo dellas não deixa de o ser. Assim como fez que entre as apparencias de virtude, que S. Francisco chamava fingida, se visse a santidade verdadeira. Nem basta para se impugnar esta evidencia, que S. Francisco com risco de afrontas suas se culpasse cõ defeitos de fátidade simulada, para q̃ não vissemos nelle as suas virtudes solidas. Como tambem não basta, que o Sacramento da Eucharistia seja hum memorial da morte afrontosa de Christo: *Passionis sua memoriale perenne*: para que deixo de ser juntamente hum compendio das suas maravilhosas finezas: *Memoriam fecit mirabilium suorum*: aquelle tão grande Sacramento não deixa de ser compendio de maravilhas, ainda que seja memorial de afrontas.

S. Thom.  
in opusc.  
17.

Psalm.  
119.

No Calvario, onde Christo morreo afrontosamente, não deixarão de o conhecer por Filho verdadeiro de Deos: *Verè* Matth. 27.

*Filius Dei erat iste*: ainda vendendo-o morrer entre dous ladrões: as afrótas da morte não lhe dislustrarão as virtudes da vida: *Filius Dei erat*. Esta foy a razão porque a incredulidade de hum não era, que se havia imposto ao mesmo Filho de Deos em vida, ficasse desmentido nas suas afrontas depois da morte. De Christo em quanto vivo differão seus inimigos, que não era Profeta: *Hic si esset* Luc. 7.  
*Propheta, sciret, qualis est mulier, que tangit eum*: & a Christo morto afrontosamente na Cruz, confessoulhe o espirito de profecia, quem disse que era Filho de Deos: *Filius Dei erat*. De Christo em quanto vivo differão seus inimigos, que comia sem temperança: *Homo vorax, & potator vini*: & a Christo morto afrontosamente na Cruz, confessoulhe esta virtude, quem disse que era Filho de Deos: *Filius Dei erat*. De Christo em quanto vivo differão seus inimigos, que não era Santo, porque obrava com poder diabolico: *In Principe demoniorum eicit demonia*: & a Christo morto afrontosamente na Cruz, confessoulhe a santidade, quem disse que era Filho de Deos: *Filius Dei* Matth. II.

*Dei erat.* De maneyra que os Autores desta confissão differão: *Filius Dei erat*: confessando a Christo a santidade de preterito: confessandolhe a mesma santidade, que havia sido, & elles lhe tinham negado: o não era, da vida de Christo, ficou desfeito no era, que delle se disse entre as afrontas da sua morte: *Filius Dei erat.* Aquelle que em sua vida não era Profeta, não era abstinente, & não era Santo, na hora das suas mortaes afrontas tudo era: era Santo, era abstinente, & era Profeta: porque no tempo daquelle não era passado, era Filho de Deos: *Filius Dei erat.* Assim S. Francisco no mesmo tempo em que não era, o que a sua humildade lhe negava, era o que hoje lhe confessamos: o nosso era de agora, desfaz o seu não era, daquelle tempo. Aquelle, que na praça de Assiz não era Santo, não era mortificado, & não era penitente: tudo era naquelle tempo, em que elle se afrontava. Era penitente, era mortificado, & era Santo; porque já então diz hoje o Evangelho, q̄ era Filho de Deos: *Filius Dei erat*: se não natural; adoptivo. De forte que quando S. Francisco não era, então era: quando se queria desconhecer, então mais conhecido: & quando

fugia de ser visto, então o vião mais. E finalmente tal Filho de Deos era então, que por ser tudo o que dizemos no mesmo tempo, em que elle dizia, que o não era, só Deos, de quem elle era Filho, sabe como isto podia ser: *Nemo novit Filium nisi Pater.*

Atè aqui sem sabermos, & por isso mesmo sabendo, que Santo foi S. Francisco, em quanto vivo, sem sabermos que Santo foi; porque sempre encuberto, sempre entre as sombras do seu nada: & por isso mesmo sabendo que Santo he; porque esse mesmo he São Francisco mais visto, quando se não deixa ver: de santidade tão superior, que a não podem ver os olhos, & só por Fé se pôde conhecer. Vejamos agora se em quanto morto o podemos assim saber. Mas antes que pezemos as razões da materia proposta, havemos de advertir que São Francisco; foi duas vezes morto: morto para si, & morto para Deos. Morreo São Francisco hũa vez para si, quando por sua vontade morreo ao mundo ficando ainda nelle; & desta morte havemos de fallar agora. Morreo outra vez S. Francisco para Deos, quando por vontade divina sahio do mundo, & foy a gozar de Deos; & desta morte havemos de fallar de-



pois. Morrer ao mundo, que he o mesmo que morrer para si, he morrer, & ficar vivo: he morrer, porque he acabar a vida do mundo: & he ficar vivo, porque não he acabar a vida da natureza: & S. Francisco assim morreo a primeira vez: morreo para o mundo, porque mudou de vida: & não morreo para a natureza, porque ainda ficou vivo no mundo. E isto com hũa circumstancia muito singular entre todos os que morrerão ao mundo; porque Deos mesmo mandou a S. Francisco, que assim morresse, quando lhe inspirou a sua conversão. Foy a conversão de S. Francisco em hũa dia, em que ouvindo elle Missa, se leo nella aquelle Evangelho do Capitulo nono de S. Lucas: *Nihil tuleritis in via neque virgam, neque peram, neque panem, neque pecuniam, neque duas tunicas*: que foi o mesmo, que ouvir dizer a Deos, que morresse ao mundo. Morrer ao mundo, he morrer, & ficar vivo: & naquelle Evangelho ouviu São Francisco dizer a Deos, que morresse, em quanto lhe mandou, que ficasse sem nada, assim como ficão sem nada todos os que morrem: *Nihil tuleritis*. E ouviu dizer a Deos, que aquella morte fosse ao mundo, em quanto lhe mandou, que assim morto, por ficar sem nada: *ni-*

*bil tuleritis*: vivesse ainda no mundo: *in via*: morto, porque sem a união da alma com os bês do mundo: *Nihil tuleritis*. E porque ainda com a união da alma com o corpo, ainda no andar dos vivos: *In via*: morto, & vivo no mesmo tempo queria Deos a São Francisco entre os homês: & no mesmo tempo era S. Francisco mais visto, quando se não via dos mesmos homês. Os que não tinham olhos para ver a santidade daquelle vivente morto, esses o vião melhor: então o vião de mayor santidade na vida, quando se não dava a ver, por ser hum retrato da morte.

Assim entendo S. Francisco, que Deos o mandava morrer: & assim como o entendo, o executou, porque depois que sahio da Igreja, onde tinha ouvido aquella sentença que obriga a morrer em vida, se vestio: de que seria? De hũa aspero, & vil sacco, & amortalhado nelle se cingio com hũa corda, apparecendo entre os vivos hũa imagem tão natural de mortos, como o mundo ainda hoje a olha com espanto, & nós a veneramos com admiração. E para que não duvidassemos de q̃ S. Francisco morrêra ao mundo por disposição daquelle Senhor, que o quiz assim morto, ouçamos, o que o mesmo San-

In ejus  
vita.

to sentio em seu espirito, quando se vio assim morrer. Disse, que desde o dia em que Deos lhe abriu os olhos da alma para os fechar ao mundo; & foy o mesmo, em que morreo para elle: *Trazia a alma atravessada com o punhal do seu proprio conhecimento.* Como então S. Francisco morria ao mundo, via que lhe falcava a uniaõ da alma cõ o mundo; assim como os que morrem para a natureza, vem, que lhes falta a uniaõ da alma com o corpo. Aqui se me offerece huma semelhança muito natural entre a culpa de Adão, & o proprio conhecimento de S. Francisco. Assim como a culpa de Adão foi aquella espada, que tirou a vida do corpo a todos os filhos de sua descendencia; o proprio conhecimento de São Francisco, foy aquella punhal, que tirou a vida do mundo a todos os filhos do seu espirito. Todos os filhos de Adão mortos para a natureza em seu primeiro pay; porque ouve culpa original, que matando primeiro ao pay, depois matou aos filhos. Todos os Filhos de S. Francisco mortos para o mundo em seu Santo Patriarcha; porque ouve hum punhal, que como se fosse morte original dos que morrem para o mundo, primeiro tirou a vida do mundo ao Santo Pay, & depois a

tirou aos benditos Filhos.

O que eu admiro, & deve admirar o mundo todo, ouvindo a confissão, que S. Francisco fez da sua morte ao mundo, he, que fosse Deos o Autor daquella morte; & dèsse S. Francisco o punhal para ella. Foy Deos o Autor daquella morte, porque ja disse mos, que fallando Deos ao coração de S. Francisco no dia da sua conversão, o mandou assim morrer: & deu S. Francisco o punhal para ella, porque ja nos disse que o seu proprio conhecimento fora o punhal, que lhe atravessara a alma no dia em que Deos o converteo. E assim havia de ser, sendo aquella morte toda de amor, & por amor toda: havia Deos ser o matador, & S. Francisco havia de dar o instrumento para elle ser o morro. Haviaõ de concorrer para o mesmo sacrificio, assim Deos a quem o sacrificio se fazia, como S. Francisco, que era o sacrificado: hã dando a sentença de morte, outro dando o punhal para ella. Quiz Deos, que a conversão de S. Francisco fosse hã imitação da redempção do mundo. Na redempção do mundo houve Deos, que mandou a seu unigenito Filho, que morresse pelo mundo: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum unigenitum daret: & houve filho unigenito,*  
e quem

Joan. 3o

a quem a sua própria ventade levou assim a morrer: *Oblatus est, quia ipse voluit.* E isto mesmo houve na conversão de S. Francisco: houve Deos, que mandou a este seu Filho adoptivo que morresse ao mundo: *Nihil tuleritis in via: &* houve Filho adoptivo, a quem o seu proprio conhecimento fez, que assim morresse: *Oblatus, quia voluit.* O que em Christo fez a sua propria ventade, fez em S. Francisco o seu proprio conhecimento: a ventade propria de Christo foi a espada, que o fez morrer pelo mundo: & o conhecimento proprio de S. Francisco foi o punhal, que o fez morrer ao mundo. Tanto como isto amava Deos a S. Francisco: regulou o amor da conversão de S. Francisco pelo amor da redempção do mundo todo: se com especial providencia para remir este mundo, com providencia especial para converter aquelle Santo. E tanto como isto amou Deos ao mesmo mundo: deulhe para o remir o Filho unigenito, & para o reformar, deulhe o adoptivo: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum daret*

A este amor taõ grande, que obrigou a S. Francisco a morrer, & ficar vivo (porque isso he morrer ao mundo) correspondeo Christo com outro amor

femelhante, quanto foy possível: correspondeo, como tambem morto, & vivo. Não provo esta consideração com o Sacramento da Eucharistia, onde Christo nos ama estando vivo, entre memorias de morto: *Recolitur memoria illius, quam in sua passione Christus monstravit:* porque essa fineza he universal para todos. Em outra demonstração de amor particular só de S. Francisco, o amou aquelle Senhor, quando eternamente vivia em representação de quem temporalmente morria. A hora da impressão das suas chagas em S. Francisco foy hora de grande amor; & de amor de Christo como morrendo, & vivo. Come morrendo, porque entã lhe deu a ver, como renovando aquellas chagas, de que morreo, & vivo, porque isso fez Christo muito depois, q com ellas resuscitou. E se não foy morrendo ao mundo, como S. Francisco fez, foi vindo a representarse morto no mundo por seu amor, como S. Francisco lhe mereceo. Isto mesmo he o que lemos em hũ dos Hymnos desta prodigiosa impressão das chagas: *Cernit servus Redemptorem passum impassibilem:* dizem os versos deste Hymno. Naquelle hora de taõ inaudita fineza vio S. Francisco ao seu Redemptor como morto, & vivo:

S. Thom.  
in opusculo.  
57.

In ejus  
offic.

como morto: *Redemptorem impassibilem*. Em hum mesmo tempo padecendo, & vivendo: *Passum impassibilem*. E vendo S. Francisco em seus braços esta representação de seu Redemptor,

*Ad Gal.* como morrendo, ou como morto: *Redemptorem passum*: podia dizer mais do que S. Paulo disse: S. Paulo abrazado tambem em amor de Christo, como S. Francisco, disse, que ja não vivia elle, mas vivia Christo nelle: *Vivo ego, jam non ego, vivit vero in me Christus*: & S. Francisco, quando recebia as chagas de seu Redemptor, podia dizer mais: podia dizer: Nesta hora, morrendo eu de tão divino amor, não sou eu, o que só morro; porque aquelle Senhor, que ja huma vez morreo por mim, vejo que agora morre em mim: *Cernit Redemptorem passum*: & esta foy muyto mayor fineza. Em S. Paulo, vivendo Christo nelle, não se viaõ sinaes algũs publicos da vida de Christo: & em S. Francisco, em cujos braços se representava Christo como morrendo, foraõ manifestos os sinaes da sua morte. Virãõ-se sinaes de Cruz, & de Chagas, & tambem de Cravos, como escreve São Boaventura, forma los da propria carne de S. Francisco: ficãrãõ copiados em S. Francisco os ultimos penhores de nossa redempção.

S. Bon. 17  
in legõ-  
da S.  
Franc.

Porque deyxando Christo depositadas no Sacramêto as memorias da morte: *Passionis sue memoriale perenne*: em S. Francisco deixou as da Cruz. Deixando no Sacramêto o sangue derramado: *Hic est sanguis meus*: *Matth.* em S. Francisco deixou as chagas, que o derramarão, & os cravos, que abirãõ as chagas. E porque Christo tanto delecta a união com hũa alma por abraço de amor, como por abraço de Cruz; a união por abraço de Cruz ficou por exemplo em S. Francisco: & a união por abraço de amor, ficou por fineza no Sacramento: *In me manet*, *Joan. 6.*  
*E ego in illo.*

E S. Francisco entre favores tão elevados, depois de morto ao mundo, não se esquecia dos que viviãõ no mundo. Não era S. Francisco morto ao mundo para não servir ao seu bem: uniamête o era para não adoeecer do seu mal. Como substituto do seu Redemptor, era morto ao mundo para deixar de o seguir, mas não para deixar de o amar. Porque Christo não era deste mundo: *Ego non sum de hoc mundo*: tambem era morto ao mundo, & amava aos do mundo: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo*: aos do mundo, digo, convertido, & não aos do obstinado. E isto mesmo imitava S. Francisco. Se agora de semos vol-

Joan. 8.

Joan. 13

volta ao mundo, encontrariamos infinitos exemplos seus deste amor aos do mundo, sem ter amor do mundo. Alli o veriamos tomar nas mãos a hum innocente infante, que havia nascido monstruoso, & compondo, & accômodando nelle os membros, que tinha desordenados, restituillo a seu pay, taõ perfeito, como descjava. Alli achariamos enxutas as lagrimas dos que havião lamentado a morte de hũ miseravel, que a ruina de hũa muralha fizera em pedaços, & S. Francisco os tinha juntos, & unidos, & ao defunto resuscitado. Alli cresceria a nossa admiração, ouvindo, que dera vida a outro desgraçado, que afogandose em hũ rio tinha desaparecido, & S. Francisco fez apparecer o cadaver, & levantar o morto vivo. Em muitas partes se veria cercado dos que livres de mortaes perigos, dos que recuperadas gravissimas perdas, dos que restituídos ao fôcego da consciencia, & dos que encaminhados ao bem da salvação lhe rendião innumeraveis graças, como a vigilante recuperador, & Pay universal de todos, os que batião á porta de seu compadecido coração. Assim amou este morto ao mundo o bem do mundo: & quanto fosse opposto ao mal do mundo diga-o a generosidade de seu espirito, quando combatido de hũa tentação sensual, à custa de seu sangue, & de seu innocente corpo, depois de todo chagado por força de rigorosas disciplinas, o teve largas horas cuberto de neve. Diga-o aquella segunda Egypcia, que pretendendo vener a este segundo Joseph, ficou delle vencida, vendo-o lançado em vivas brazas de fogo, que para apagar os incendios daquelle depravado appetite, soube ajuntar, & accender a sua industriosa pureza. Diga-o finalmente outra semelhante victoria, quando quebrou as lanças do impuro inimigo nas pontas de asperos espinhos, que tocados de seu virginal corpo brotáraõ em rosas, & as folhas asperas do espinheiro nasciaõ matizadas de vivo sangue. Mas para que são exemplos deste assombro da natureza, & desta maravilha da graça, se não podemos dizer todos, nem ha admiração, que baste para cada hum delles: se entaõ ficaõ mais vistos, quando menos se daõ a ver?

Destá sorte morto ao mundo S. Francisco, com hum braço o desejava recolher todo no coração, quando o mundo o buscava para remedio: & com outro braço o desviava de si, quando se lhe chegava para

Matth.  
13.

E. Ad  
Corinth.  
cap. II.

ruina: Era S. Francisco aquelle trigo, que o lavrador do Evangelho mandou aos seus operarios deixassem crescer juntamente com a sizania: *Sinite utraque crescere.* Aquelle trigo já crescido, tambem foi trigo morto: tambem viveo, & morreu no mesmo lugar: morreu, quando foi na terra semeado: & viveo, quando depois se vio sobre ella renascido; & como era figura do Sacramento, onde Christo para hũs tem abraço: *In me manet, & ego in illo:* & a outros lâça fóra de seus braços: *Qui indigne manducat, judicium manducat:* havia de ser trigo, que sendo nascido entre trigo, & sizania, havia de abraçar-se com o trigo, que tinha de hũa parte, & não com a sizania, que tinha da outra. Havia de ser trigo, que seguisse o bem da união com o trigo, & fugisse do mal da união com a sizania; & o bem da união com o trigo, era ir para o celeyro: *In horreum:* & o mal da união com a sizania, era ir para o fogo: *Ad comburendum.* Este exemplo do trigo junto com a sizania, sem perigar o trigo, só nos vem a servir de sombra, para conhecermos a São Francisco por fé: a fé do que cremos do trigo, sem lhe fazer mal o perto da sizania, não he mais, que huma semelhança do que podia ser São Francisco

quando vivia no mundo sem se render ao mundo: porque á imagem clara do que S. Francisco então era; essa imagem he só hũa das Ideas do entendimento de Deos: *Nemo novit Filium nisi Pater.*

Tempo he ja de entrarmos na sepultura de São Francisco, onde está morto à natureza, para vermos se alli he conhecido só de Deos, ou tambem o he dos homês. Mas em nenhũ lugar he S. Francisco mais objecto para a Fé, que na sepultura: nunca mais visto sem se ver, conhecido sem se conhecer, que depois de enterrado. No lugar onde todos se desfigurão, & desconhecem, conservar nelle S. Francisco a sua figura ainda em pé, & com os olhos abertos, ou se ha de duvidar da sua morte, ou se ha de cuidar, que depois de morto ainda vive. He necessaria muita fé, para nos persuadirmos, que aquelle he o S. Francisco, que morreu como os outros homês, quando se está vendo differente de todos: em pé, como para ainda andar; & abertos os olhos, como para ainda ver. Este he o primeiro sepultado, que se dá a conhecer pelo que era em vida, & no mesmo tempo se desconhece, pelo que mostra ser depois da morte. E ja que os tumulos, & os sepulchros fallão de dentro

aos que os contêmplão de fóra; das vozes, que nos está dando a sepultura de S. Francisco, formemos hũ Epitafio, ou elogio de mortos nunca visto, & confirmamos nelle o que vemos, com o que ouvimos. Dizem pois aquellas vozes, aos que as ouvem.

Vòs, quem quer que sois, & agora vos considerais hospede nesta sepultura, não espereis saber quem he o seu sepultado: 1. como he hũa exceção dos mortacs, só quem he immortal o conhece. Não se vos diz, que jaz aqui, pois vòs o vedes erguido: nem sois vòs só o caminhante, que aqui parais; porque na postura em que o vedes de pé, & sem andar, tambem parece que caminha, & que já tamonte para. 2. Se não he hũ daquelles Serafins, que em hum mesmo tempo estavaõ, & voavaõ, he hum morto Serafico, q̄ em hum mesmo lugar estando parado, ainda parece, que anda. He o primeiro, que gozãdo ja da Patria, ainda o vedes viandante: & sendo, que tudo vay a parar na sepultura, este sepultado não para nella. Como o ardentissimo zelo, com que discorre por este mundo para o levar todo a Deos, era de amor sem limite, passa alem daquelle termo, onde todos paraõ. 3. Mostra, que quer seguir

ao Senhor que o chamou ainda depois de enterrado, para que nem o fim de seu viver, o seja do seu seguir. 4. Aos mais deste seguimento conta Deos os passos até a morte. 5. Mas os deste viador, como ainda fazem numero na sepultura, daõ a Deos mais que considerar, & a elle não daõ que temer. Não descança, onde descançaõ todos; porque não podia achar o seu centro na terra, quem só o tinha no Ceo: nem se havia de atabario divino impulso, de q̄ era levado em vida, onde faz a ultima pauza o impulso dos mais, quando morrem: o dos mais espirando na sepultura; & o seu ainda com espiritos depois de sepultado. 6. Arvore ja cortada, & sem murchar, só o podia ser aquella, que não por hum anno, mas por tantos temcova junto de si. 7. E que admiração pôde ser esta, quando os infinitos, & prodigiosos frutos de sabedoria successiva, & santidade viva, que produzindo, nos fazem crer, que ainda no lugar de corrupção he arvore de sciencia, & ainda depois de morto he arvore da vida. 8. Este Atlante da Igreja, a quem Deos mandou, que a reparasse, ainda depois de morto está prompto para o seu reparo, pois ainda está de pé: não o acharão descuidado os inimigos que a

4. Gref-  
sus meos  
dinume-  
rasti.

Job. 14.

9. Vesti-  
gia pe-  
dum

meorum  
confide-  
rasti.

Job. 13.

6. Domi-  
ne di-  
mitte il-

lam &  
hoc an-  
no usque

dum fo-  
diam  
illam,

&c.  
Luc. 13.

7. Lignũ  
vite, li-  
gnũ q̄

sciencias  
Genes. 2.

8. Vade  
Francis-  
ce, repa-  
ra domũ

meam,  
que la-  
birur.

In ejus  
vita.

com-

1. Nemo  
novie  
Filiũ  
nisi Pa-  
ter.

2. Sera-  
phim  
stabant,  
& vola-  
bant.  
Isai. 6.

3. Veni  
sequere  
me.

Marc. 10.

9. In pul-  
vere dor-  
mient.  
Job. 20.  
10. Be-  
atus ille  
servus,  
quem cū  
venerit  
Domin.  
invenerit  
vigilantem.  
11. Ut cū  
venerit,  
& pul-  
saverit,  
confes-  
sim a-  
periat ei.  
Luc. 12.  
12. Pri-  
mogeni-  
tus mor-  
tuorū, &  
primus  
resur-  
gens.  
Com.  
SS. PP.  
13. Nisi  
granum  
frumenti  
mortuū  
fuerit,  
ipsū so-  
lum ma-  
net: si  
autem

combaterem; porque o lugar,  
que para os outros seus defen-  
sores he jazigo, para elle he a-  
talaya. 9. Onde todos os mais  
dormem, só elle he sintonella.  
10. Bem pôde o Senhor estar  
certo da vigilancia deste seu  
servo, quando lhe bater á por-  
ta da sepultura, para a resur-  
reição: 11. Assim como quer q̃  
a tenhaõ todos quando lhes ba-  
ter á porta da casa para a mor-  
te. Nem a Omnipotencia Divi-  
na tem que fazer com este mor-  
to tudo, o que ha de obrar com  
os outros, quando todos resus-  
citarem: como já está levanta-  
do, só lhe falta ir a Juizo: &  
porque se vê ja erguido, he ja  
hoje meyo resuscitado. 12. Se o  
12. Primogenito dos mortos he  
Christo, por ser o primeiro, que  
se levantou depois de morto:  
aqui tendes o unigenito dos  
enterrados; porque he o unico,  
que se vê em pé depois de se-  
pultado: & da singularidade  
destas primazias, inferi vds a  
correspondencia dos Primazes.  
13. Este trigo está exceptuado  
de todo o outro trigo, que pa-  
ra frutificar ha de cahir, & mor-  
rer; porque elle tem frutifica-  
do em todo o mundo moreo só,  
& não cahido: & nem deyxou  
de perfilhar muito, & ainda in-  
finito, posto que entre todo o  
trigo nascido, foy elle, o que  
só ficou assim: trigo morto na

terra, mas não cahido nella. 14. mortuum  
E para merecer a conceição de fuerit,  
tão santos filhos, como mere- multum  
ceo a Virgem Mãy a Concey- fructum  
ção do seu, tambem teve An- affer.  
gelica pureza para agradar, & Joan. 12  
fecunda humildade para con- 14. S.  
ceber: benditos filhos gerados Bern.  
de tal Pay, com semelhança ao Virgini-  
benditissimo Filho, que gerou tate pla-  
a Purissima Mãy! Não vos ad- cuiis, hu-  
mireis de ver chagas, & san- militate  
gue em sepultura: para esta se conce-  
parecer com a de Christo, em pit.  
ambas havia de haver chaga- 15. Quod  
dos. 15. As primeyras chagas semel  
por condição de quem tomou assumpse  
o corpo, onde ellas se abrião, nunquã  
para nunca as deixar, nem ain- dimissa.  
da na sepultura. E as segundas S. Joan.  
por condição do corpo, que de Damasc.  
põis as recebo para sempre as 16. Ego  
conservar, ainda depois de se- vobiscū  
pultado. E se a carne das pri- sum, us-  
meiras foy para Deos enearnar que ad  
no purissimo ventre; a carne consum-  
das segundas foi para se repre- mationē  
sentar encarnado no Srafico saculi.  
corpo. 16. Atè o fim do mundo Matth.  
ha de estar este corpo na sepul- 28.  
tura; assim como ha de estar o 17. Nisi  
corpo de Christo no Sacramen- mitram  
to, para tambem parecer, como manum in  
elle, sacramentado: & do seu meam in  
corpo dizendo Christo: Este he latius  
o meu corpo; & do corpo deste ejus, nõ  
morto, dizendo: Este corpo he credam.  
meu. 17. Os felicissimos filhos Joan.  
de tão Santo Pay, sem lhe me- 20.  
terem



erem a mão no lado o reconhecem por tal: & senão de todo resuscitado, pouco menos. Vede se este morto vos parece vivo, pois ainda o vedes pisan-do a terra: ou se por ventura o julgais morto, não tendo ainda fechados os olhos. Os outros mortos primeiro fechaõ os olhos para se lhes abrir a sepul-tura: & este fechado na sepul-tura tem abertos os olhos. 18. Como os olhos saõ a cam-panha onde os vicios daõ os seus primeiros assaltos; porque el-le tanto vence os primeyros, como os ultimos, mos-tras, que ficou Senhor do cam-po, porque o ficou tambem dos olhos: & he a vez primeira, na qual triumphou o mais fino amor com os olhos abertos, & não vendados. 19. Nelles não em-pregou os seus tiros a ambição da prata, & do ouro; & por isso não pode o mundo derribar esta Estatua, ainda sendo toda de barro. Estes saõ, caminha-nte, os prodigios nunca vistos, que se escondem nesta sepulta-ra: mas se o sepultado, que ve-des, disser o seu juizo, o que nel-le se encerra, he nada.

Sayamos finalmente com S. Francisco da sua sepultura: & seguindo-o com o discurso até a Patria dos Bemaventurados, veremos se he conhecido como kũ delles. Podendo porẽm este

conhecimento tẽr o seu princi-pio na resurreyção do corpo de S. Francisco para a gloria; Santo Agostinho o difficulta logo com as considerações da sua re-surreyção, porque bem se vê, do que nos diz, que logo no principio daquelle caminho de resuscitados, Saõ Francis-co se ha de desconhecer entre todos. Diz assim S. Agostinho suppondo-se ja resuscitado: O que comigo cahio na sepultura, he o que comigo sahio della: *Meum testor esse, quod cecidit, ut meum sit, quod resurrexit:* & o que comigo teve jazigo no sepul-cro, he o que comigo sobio del-le para o Ceo: *Meum testor esse, quod jacuit, ut meum sit, quod ascendit in Calum.* E isto, que Santo Agostinho diz de si, haõ de experimentar os outros resus-citados: primeiro cahidos na sepultura, & depois levantados della. Porẽm como S. Francisco ha de sahir da sepultura, sem nella ter cahido; & ha de sobir do sepulcro para a gloria, sem ter jazido nella: porque de pẽ o ha de achar a sua resurreyção na sepultura; ha de resuscitar muito diverso de todos: ha de resuscitar levantado, sem lhe preceder o cahir; erguido, sem ter primeiro o jazer. Nos mais resuscitados ha de haver cor-po, que erguer; em S. Francis-co, não: aquella voz, que na

18. *Ascendit mors per fenestras Jerem.*  
9. *Per fenestras, i. per oculi los mors intrat in animã.*  
S. Bern.  
S. Hier.  
S. Greg.  
19. *Non sicut st. sua Nabalco-don. in Daniel.*  
2.

*S. Aug. serm. Ascens. 176.*

S. Hier.

consideração de S. Hieronymo ha de fazer levantar todos os mortos: *Surgite mortui*: ja ha de achar a este morto levantado. E isto basta para que singularizado S. Francisco entre todos os resuscitados, logo ao principio da sua Bemaventurança se desconheça entre elles: basta a diversidade desta resurreyção, para ser exceptuado entre todos: sem se conhecer, por não resuscitar, como os outros, & conhecido por isso mesmo.

Nem nos assombre esta admiração: em outra muito maior entramos agora. Não se conhecer a S. Francisco como hum dos outros resuscitados, quando sahir da sepultura para tomar o caminho da gloria, muito he: mas ja depois de glorioso, morador ja da Jerusalem Celestial, onde tudo he luz, & claridade, não haver quem o conheça, senão Deos só: *Nemo novit Filium nisi Pater*: ainda he muito mais. E porque de dous modos se pôde conhecer a São Frãscisco ja glorioso, ou conhecido pelos que ainda são viadores, ou conhecido pelos que ja são Bemaventurados; por hũ, & outro modo havemos de discurrir este conhecimento de S. Francisco: o primeiro, como conhecimento de viadores; & depois, como conhecimento de Bemaventurados: primeiro, as-

sim como agora vemos a Deos *in enigmate*: & depois, assim como o havemos de ver *facie ad faciem*: vamos logo com o conhecimento de S. Francisco ja glorioso conhecido por viadores como em enigma: *In enigmate*. A figura deste enigma he o mesmo São Francisco com aquella letra na mão, que no seu Alfabeto os Gregos chamão, Tau, & no nosso chamamos nós, T. E porque não ha enigma sem escritura, que o explique, accomodamos neste, hũa das que temos nas visões do Apocalypse: *Vidi alterum Angelum ascendente ab ortu solis, habentem signum Dei vivi*. Esta he a figura do enigma, & esta a escritura, que lhe subcrevemos. Agora peço consideradas attentões, porque ja entro na explicação do novo enigma: & poderá ser, que nunca até agora considerado, nem advertido. Venerava S. Francisco com singularissimos affectos a letra T, ou Tau dos Gregos, porque fazia, & armava a figura da Cruz de Christo. Com esta letra, ou com este Tau rubricava o seu nome, quando o firmava, como com hum sello escolhido por sua especial devação para assinar o que escrevia. E ja depois de glorioso, dando saude milagrosa a dous enfermos, a hum seu Novico, & a hum de-

1. Ad  
Corinth.  
13.

Apoc. 8.

voto seu, ao Noviço deyxou impresso o Tau no hombro, & ao devoto tocou com hum bordão, que na parte superior mostrava formado o mesmo Tau. Estas eraõ as estimações, que do Tau fazia São Francisco: & porque se não lê de outro algũ Santo esta veneração tão singular, havemos de entender, que não por caso, senão por mysterio, a frequentava S. Francisco. Este Tau, dizem os Sagrados Expositores do Capitulo nono de Ezechiel, que he aquelle final, ou sigillo, com que haõ de ser affinalados os escolhidos para a gloria: & authorizaõ o seu pensamento com aquelle Texto do Apocalypse: *Nolite nocere terra, & mari, quoadusque signemus servos Dei nostri in frontibus eorum.* De maneira, que vem a concordar todos em que o Tau he a divizaõ dos predestinados: he o final dos escolhidos de Deos. E se S. Francisco era o depositario, & o do exercicio desta divizaõ, & final de predestinados, havemos de dizer por consequencia, que senão pôde negar à nossa piedade, que he S. Francisco o Secretario da predestinação: he o do sigillo dos predestinados. Até aqui decifrado este mysterioso enigma sem violentarmos o sentido, nem torcer as considerações, em

quanto à figura, com que o tenho proposto. E em quanto à escriptura, que lhe sobscrevemos: *Vidi alterum Angelum ascendentem ab ortu solis habentem signum Dei vivi*: ainda he mais natural a explicação, que lhe damos. Porque diz S. Boaventura, & consta por revelação do mesmo Santo, & por authoridade de S. Bernardino, & de Leão X. Pontifice Romano, & de outros muitos, que S. Francisco era por representação aquelle Anjo, que tinha o final dos escolhidos: *Angelum habentem signum Dei vivi.* E este Anjo he, o que dizia aos executores da ira divina: *Nolite nocere terra, & mari, quoadusque signemus servos Dei nostri.* Sendo pois o Tau este final de Deos vivo, como representativo da Cruz de Christo; & sendo S. Francisco o Angelico depositario deste final como expressivo dos predestinados; he São Francisco o Ministro dos segredos da Predestinação: o que intercede pelos predestinados livrando-os da indignação de Deos. O Syllogismo está em forma: a prova das Premissas tão fundada em escripturas, como em authoridade; & não poderá haver escrupulo algum, que nos argua esta pia alicyção ao Serafico Santo.

Porque S. João Evangelista

S. Aug. descansou sobre o peyco de Christo, diz S. Agostinho, que foi o Secretario do amor: *De illo pectore in secreto bibebat*. Porque S. Paulo foi levado ao terceiro Ceo, lemos na Escritura, que fiou delle Deos os segredos da gloria: *Audivit arcana Domini, que non licet homini loqui*. E porque não será S. Francisco o Secretario da Predestinação, se nelle depositou Deos em visão profetica o final dos predestinados: *Angelum habentem signum Dei vivi*? Porque se não concederá a São Francisco esta gloria tão singular, sendo mostrada por Deos em figuras nas visões do Apocalypse, & declarada por revelação a São Boaventura? E se não foy com o vocabulo individual de Secretario, foy com o final do seu exercicio: *Signum Dei vivi*. Grande confirmação temos desta verdade nas tres Ordens de escolhidos de Deos, que S. Francisco tem distribuidas, & encaminhadas pela direcção de seu sagrado instituto. E he grande esta confirmação, ainda quando na visão do Apocalypse, & revelação de S. Boaventura se não comprehendão todos os predestinados: basta para se não negar a São Francisco esta gloria de Eleytor da Predestinação, que aquella visão, & aquella revelação se entendão

sómente applicadas em particular aos dignissimos Filhos do Serafico Patriarcha. Que outra cousa he aquelle numero sem numero de Filhos do seu espirito, senão a infinidade que vemos de predestinados, & eleitos para a gloria? Predestinados na primeira Ordem: Predestinados na segunda: & Predestinados na terceira: Que havemos de dizer que são estes innumeraveis esquadrões de escolhidos por S. Francisco, senão aquelles servos do Senhor, que elle sendo por profecia o Anjo do final dos predestinados, está assinalando, & encaminhando para a gloria: *Signemus servos Dei nostri*?

Tres são as Jerarquias, a que se reduzem todos os Espiritos Angelicos segundo a universal doutrina dos Santos Padres tirada de varias escrituras de hũ, & outro Testamento, de Isaias, Ezechiel, Daniel, S. Lucas, & São Paulo. E como tres Jerarquias são tambem as tres Ordens, nas quaes comprehendeo S. Francisco os seus escolhidos. E assim como Deos predestinou para a eternidade tres Jerarquias de Anjos, S. Francisco escolheo para a gloria tres Jerarquias de Espiritos Seraficos. E ainda com hũa excellencia mayor: porque sendo o Sacramento da Eucharistia o pão dos

Isai. 6.  
Ezech. 10  
Daniel.  
7.  
Luc. 1.  
S. Paul.  
1. ad  
Hebr.

Zach. 9.

predestinados : *Frumentum ele-  
torum* : não comem deste pão  
as Jerarquias dos Anjos ; & se  
alimentaõ com elle as Jerar-  
quias de São Francisco. E com  
isto tenho explicado toda a fi-  
gura do enigma , & a sua letra  
toda, entendendo hũa, & outra  
cousa por S. Francisco. Mas nã  
ainda S. Francisco mais conhe-  
cido, senão porque menos se  
conhece. S. Francisco conheci-  
do por enigma, he o mesmo que  
conhecido por figura, & quan-  
to menos se deixa ver explicado  
pela figura, tanto mayor se nos  
representa no conceito do fi-  
gurado: a figura, quando muito,  
conheceremos nós : mas o que  
he o figurado, só Deos : *Nemo  
novit Filium nisi Pater.*

Assim se conhece a S. Fran-  
cisco sem se conhecer, ja depois  
de glorioso por conhecimento  
de viadores , mais conhecido  
em si, porque menos conheci-  
do no enigma : *In enigmate.* Se-  
gue-se agora o seu conhecimen-  
to por Bemaventurados: quan-  
do ja não ha conceitos enigma-  
ticos, & se vê tado *facie ad fa-  
ciem* : & para cuidarmos, que en-  
tre os Bemaventurados pôde  
tambem São Francisco não se  
ver, & ser visto, não nos falta  
exemplo nos mesmos Bemavē-  
turados, & ainda Angelicos. A  
estes vio Isaias, que sem deixa-  
rem de ver a Deos, o encobriaõ

com duas azas: *Duabus velabant  
faciem ejus* : como parecendo  
que neste mesmo tempo o não  
viaõ. E era entãõ Deos naquel-  
la revelaçãõ visto sem se ver  
por maravilhoso modo : visto  
pelo acto da visaõ, que beati-  
ficava aos Angelicos Espiritos:  
& sem se ver pelo retiro de sua  
vista formado com o vèõ das  
azas, que o encobriaõ : *Duabus  
velabant faciem.* E se esta repug-  
nancia de não se ver, & ser vis-  
to podia ser entre os Anjos, &  
Deos: a implicancia de S. Fran-  
cisco não se conhecer, & ser con-  
hecido, porque não poderá  
ser entre os Bemaventurados,  
& São Francisco? E o que mais  
authoriza o nosso discurso, he,  
que tendo Deos infinitos attri-  
butos, aquelles Serafims só o ac-  
clamavaõ pelo da santidade,  
dizendo: *Sanctus, Sanctus, San-  
ctus.* Diziaõ, que Deos era San-  
to, mas não diziaõ que Santo  
era : não diziaõ, que Deos era  
omnipotente, que era immen-  
so, que era eterno, infinito, im-  
mutavel, & incomprehensivel:  
calando assim estas, como as  
mais perfeições divinas, & só  
entoavaõ a da santidade : *San-  
ctus, Sanctus, Sanctus.* Quando  
as perfeições, & as virtudes  
sãõ de tão eminente grao, que  
se não podem medir ; do foguei-  
to, em que ellas se achaõ, não  
se diz mais, que he Santo: San-

Isai. 6.

to, & não mais; porque o mais fica dito, ainda que senão diga: ou porque o mais senão diz, fica mais altamente dito: & isto faziaõ os Serafims daquelle visaõ: publicavaõ a voz a santidade de Deos, & as mais perfeições divinas ficavaõ para a suspensãõ. Assim o poderiaõ tambem fazer os Bemaventurados, vendo a Saõ Francisco: poderiaõ publicar, que era Santo, & não singularizar, que Santo era: a sua santidade para a vista; a individualuação de suas virtudes, para a admiração.

Saõ Francisco, como escreve S. Boaventura, foi visto por verdadeira revelação no coro dos Serafims, logrando entre elles o premio dos seus merecimentos: & supposta esta verdade, que impossivel seria, depois de visto S. Francisco naquella coro, representarse alli desconhecido dos Bemaventurados? Conhecido como Serafim, quando o desconhecessẽ homem? Conhecido por mais, quando o duvidavaõ menos conhecido? Admirações, que parecem duvidas, ja se virãõ, ainda nos mesmos Anjos; & não menos que a respeito de Christo, quando se lhes representou entrando na gloria depois de resuscitado: *Quis est iste, qui venit de Edom, in cælis vestibus?* pergun-

tavaõ admirados. Quem he este, que vem para o Reyno da gloria com vestiduras de sangue? He certo que aquelles Bemaventurados Espiritos bem poderiaõ conhecer entãõ a Christo por divina revelação: mas tambem he certo, que alli se lhes representou, como desconhecido, pelas circumstancias das roupas, que o vestiaõ: *Tin- Etis vestibus.* E explicado por nós o seu reparo, assim como o pintou, descreveo, & explicou Isaias, vinhaõ a dizer: Glorioso, & ensanguentado implica neste Reyno de Bemaventurados: Gloria diz duração eterna: Sãgue diz corrupção temporal: & não conhecemos por Rey dos que vivem na gloria, a quem no mesmo tempo se dá a desconhecer pelos sinais dos que morrem na terra. Nestas mesmas considerações se podiaõ enlevar os Bemaventurados, vendo a Saõ Francisco no coro dos Serafims: tambem o poderiaõ desconhecer pela circumstancia de o verem como Serafim, sendo homem. Se os Anjos desconheciaõ a Christo, sendo Deos, porque o viaõ entrar na gloria como homem; não era muito que os Bemaventurados desconhecessẽ a S. Francisco, sendo homem, porque o viaõ na gloria, como Serafim. Quem he este, poderiaõ duvidar,

*Ita communitè antiqui pp. & juniores,*

dar, que vindo da terra, onde morrem os homẽs, vem a ser glorioso, onde vivem os Serafins? Homem, & Serafim repugnão naquelle coro: Homem diz corpo corruptivel: Serafim diz espirito incorrupto: & não conhecemos por companheiro dos que foraõ erdados Espiritos, a quem nasceo, onde se corrompem corpos. E que gloria, poderão perguntar, seria esta para S. Francisco, quando assim a duvidassem os Bemaventurados? Porque se duvidaria do que S. Francisco era, vinha a ser mais do que era? Digo, que sim; & que esta gloria seria aquella mesma, que imos discorrendo: passava então São Francisco mais conhecido, quando menos se conhecia: de ser conhecido por menos, em quanto o duvidavão, como homem, passava a ser conhecido por mais, em quanto o vião, como Serafim: & ninguem dirã, que não he deyxar de ser menos, chegar a parecer mais.

Mas não he esta só a revelação, que tanto engrandece a gloria de S. Francisco: não he só a revelação, em que soy visto, como Serafim: ainda consta de outra mais singular, que a passada. E nesta se vio a São Francisco exaltado por sua humildade naquelle trono de gloria, que perdeu Lucifer por sua

soberba: & visto São Francisco naquelle tão eminente lugar, ainda sobe a ser mais do que visto no coro dos Serafins. No coro dos Serafins desconhecese S. Francisco referido a Serafins, em quanto se diz, que S. Francisco não he Serafim; & naquelle tão alto trono de gloria, desconhecese S. Francisco referido a Deos; em quanto se diz, que S. Francisco não he Deos: & mais he em S. Francisco o ter por seu correlativo a Deos, em quanto se diz, que elle não he Deos: do que ser seu correlativo o coro dos Serafins, em quanto se diz, que elle não he Serafim. Esta mayoria não necessita de prova: & a prova desta correlação de S. Francisco com Deos, he evidente: se não por escriptura, nem authoridade; por bem manifesta razão. Aquelle trono de tão superior gloria, havia sido assento de hum Serafim, que queria ser tanto, como Deos: *Similis Isai. 14.* *era Altissimo:* & porque este trono se deu a S. Francisco, que no seu conceito era menos que homem, pois se julgava ser nada, ficou sendo Deos o seu correlativo, que no seu ser he, o que he tudo: & por consequencia Deos em quanto he, o que he tudo, ficou tendo por seu correlativo a S. Francisco, em quanto he, o que he nada. Se

São Francisco considerandose menos, que homem, succedeo naquelle assento, a quem nelle queria ser, como Deos, ficou correferindose com Deos, por hũa relação muito especial por hũa relação, que tem por extremos, de hũa parte a Deos, que por sua natureza he Deos; & da outra parte a S. Francisco, que por huma razão especialmente sua o não he: por aquella razão, pela qual S. Francisco fica não sendo Deos, em quanto por sua humildade o consideramos successor de quem por sua soberba o queria ser. Como Lueifer foy lançado daquelle soberano trono, porque nelle quiz ser Deos; S. Francisco, a quem se deu a posse do mesmo trono, bem mostra, que nelle não he Deos: & esta circumstancia pela qual se diz de São Francisco, que não he Deos, só se achou em São Francisco. Os mais Bemaventurados não são Deos, porque todos são creaturas, & Deos he Creador: porém S. Francisco não he Deos por hũa razão de mais: porque visto naquelle trono, que defmereceo quem quiz ser Deos, por si mesmo está dizendo, que elle o não he. Quem levou por premio aquelle lugar, que por castigo se tirou a quem quiz ser Deos, por consequencia está julgado, que elle não he Deos. E

assim, que Deos referido aos Bemaventurados pela relação commua de Deos para creaturas, todos os Bemaventurados são o correlativo de Deos, & Deos o correlativo de todos os Bemaventurados. Mas referido Deos a S. Francisco por aquella singular relação de quem he Deos, para quem não he Deos: de quem he Deos com a gloria de o ser; para quem não he Deos com a gloria, que perdeu quem o queria ser; he S. Francisco o especial correlativo de Deos, & Deos o seu correlativo especial.

A tão alta correlação como esta sobio São Francisco pelo conceito de seu nada, & pelo abatimento do seu não ser sobio a gozar hũa gloria, que é tão especial relação o correfere com Deos. Donde vem, (preciando de todo o rigor Theologico, & fallando só no sentido predicativo) donde vem digo, que se os Bemaventurados quizessem ver a Deos no seu especial correlativo, havião de olhar para São Francisco: porque Deos, que por ser o que he tudo, he Deos, tem por seu correlativo a S. Francisco, que por ser o que he nada, não he Deos. E se quizessem ver a São Francisco no seu especial correlativo, havião de olhar para Deos: porque S. Francisco, que por ser



fer, o que não he, não he Deos, tem por seu correlativo a Deos, que por ser, o que só he, he Deos. E não he isto ser S. Francisco, ainda quando glorioso, tanto mais conhecido, quanto menos se conhece? Quando conhecido por menos, que quando se conhece como nada? E quando conhecido por mais, q̄ quando conhecido, como nada, se correferre com Deos, que he o que he tudo? Bem nos pudera confirmar o pensamento algum dos Bemaventurados: bẽ nos pudera confirmar o pensamento o grande Baptista. Porque fazendo humilde comparação de si com Deos, quando disse, que para Deos crescer, elle havia de diminuir: *illum o-*

*Joan. 3. por te crescere, me autem minui:* também sobio muito: também sobio a ser correlativo de Deos, & a ter a Deos por seu correlativo: ficou sendo correlativo de Deos, em quanto se diz que Deos he mayor que o Baptista: & ficou tendo a Deos por seu correlativo, em quanto se diz, que o Baptista he menor que Deos. E se o Baptista sobio a correferirse tão altamente por meyo de hũa relação, que he só relação entre mayor, & menor; que lugar pôde ter a nossa admiração, vendo a S. Francisco levantado a hũa relação mais elevada, se he hũa corre-

ferencia entre quem he o tudo, & quem he o nada: entre quem he o que he, & quem he o que não he: entre quem he Deos, & quem he o que não he Deos? Que lugar, pergunto outra vez, pôde ter a nossa admiração, se o Baptista sobio tão alto só com se diminuir, & S. Francisco chegou a se anichilar? Se o Baptista na sua estimação só deixou de crescer hũ pouco, & S. Francisco no seu conceito chegou a ser nada? Ser nada, he não apparecer: & não apparecer por amor, como S. Francisco fez, he fineza tão relevante, que está retratada no Sacramento, onde Christo nos ama sem apparecer: onde senão deixa ver nada, amando alli tanto.

Guardey para este lugar hũa bem fundada duvida contra tudo, o que até aqui tenho discorrido. *Nemo novit Filium nisi Pater*: he hũa proposição universal negativa, que não admite exemplo algum em contrario: não pôde esta proposição ser certa, quando ja não só Deos, mas alguem mais conhece a este seu Filho adoptivo. E como tenho mostrado, que S. Francisco se conhecia a si, achando nos seus conceitos, que era nada; ja fica conhecido mais que por Deos, ficando conhecido por si mesmo. E assim que ou hey de negar a accommodação

do Thêma, ou os discursos, que nelle fundey : ou ja temos, que conhece a este Filho adoptivo, mais que o Pay, que o adoptou; & he desfazer do Thema: ou não conhecia de si, que era nada, este Filho adoptivo de Deos; & he contradizer o Sermão. Esta he a duvida: vay a resposta. Não me desfizo do Thema, nem me contradigo no Sermão: não me desfizo do Thema; porque ainda digo, que só Deos sabe, o que he S. Francisco: & nem me contradigo no Sermão; porque ainda digo, que S. Francisco no seu conceito era nada: mas acrescento agora, que ainda que S. Francisco se conhecia ser nada, não se conhecia a si S. Francisco: não, porque deixasse de se conhecer, que era nada; mas porque conhecendose, que era nada, não se conhecia. Atê aqui discorri duas verdades, a verdade do Thema, & a verdade do Sermão: agora respondo a esta duvida com hũa verdade de mais. A verdade do Thema era, que só Deos conhecia a S. Francisco: a verdade do Sermão era, que S. Francisco conhecia de si, que era nada, & a verdade da resposta he, que São Francisco quando se conhecia, que era nada, não se conhecia a si. A prova desta terceira verdade não está fundada, nem em es-

critura, nem em auctoridade, nem em razão, nem a derão os homens, nem a podião dar os Anjos, & só Deos a deu, porque só Deos, que conhece a S. Francisco, a podia dar. De maneira, que tres são os conceitos de S. Francisco, que hoje aqui concorrem: hum meu, outro de S. Francisco, & de Deos outro. No meu conceito, só Deos conhece a S. Francisco: no conceito de S. Francisco, conhecia elle de si, que era nada: & no conceito de Deos, quando São Francisco conhecia de si, que era nada, não conhecia de si, o que era. Mas não se segue deste encontro de conhecimento de S. Francisco, que S. Francisco se conhecia a si, & que a si se não conhecia: o que se segue he, que conhecia S. Francisco de si, que era nada: & Deos conhecia o muito, que era S. Francisco.

Provou pois Deos esta verdade cõ hũa demonstração tão maravilhosa, & tão prodigiosa como agora se ouvirá. Retirou-se S. Francisco em hũ dia da casa da Porciuncula para o campo, onde costumava desafogar o seu espirito em elevadas cõtemplações: & ouvindo pela meya noite tocar a Matinas, disse ao Veneravel Padre Fr. Leão seu companheiro, que era bem não passasse aquelle tempo de louvar a Deos, sem que ambos o

*In ejus  
vita.*

fizessem. E que pesto se achavão alli sem Breviários, supprisse esta falta o livro das maravilhas de Deos. Que elle começaria confessando a gravidade, & multidão de seus peccados; & Fr. Leão responderia alternadamente entoando as penas, que por elles tinha merecido. Este foi o ceremonial, que entre si propuzerão, & approvão os dous devotos Salmistas, S. Francisco, & Fr. Leão: & começando S. Francisco o primeiro verso daquelle Psalmo nunca ouvido, disse: As minhas grandes culpas, & ingratições, do que devo ao Senhor, a quem offendo com ellas, justamentē me condemnão a penas eternas. Respondeo Fr. Leão na alternativa de seu verso: As tuas grandes virtudes, & santas obras te abrirão as portas do Paraíso, não só para a tua entrada nelle, mas também para o lograrem muitos. Perturbado S. Francisco, ouvindo o verso, que não tinha no Salmo da sua humildade, estranhou a Frey Leão a falta do que havião ambos ajustado, & passando ao segundo verso, disse, acompanhando cō repetidos golpes dos peitos as lagrimas dos olhos: O' immenso Deos, justissimo Juiz da minha alma! tantas vezes vos tenho sido ingrato, & vós tantas para mim misericordioso, que

ja mereço a pena da vossa indignação, & o rigor da vossa ira. Respondeo Fr. Leão: O' Francisco muitas vezes ditoso! tal es diante de Deos, que entre os seus escolhidos gozarás huma Bemaventurança de singularissima doçura, & particular suavidade. Que he isto, Frey Leão? disse S. Francisco. Assim zombais do que vos peço? pois agora vos mando com obediencia, que me respondais nesta fórma. Quando eu disser: Creatura miseravel, homem nada, imaginas que alcançarás da misericordia de Deos o perdão de teus peccados: haveis de responder vós: Nunca merecerão as tuas culpas a compayção divina, nem acharás na bondade de Deos clemencia, ou piedade. Confuso Fr. Leão, vendo por hũa parte o sentimento do humilissimo Francisco, & por outra parte advertindo no impulso superior, que o obrigava a responder contra a confissão do seu abatimento, prometteo, que lhe obedeceria. Repetio então S. Francisco o seu verso, assim cheyo de confusão propria, como o havia encomendado á obediencia de Fr. Leão. E o obediente filho, por não deixar de o ser, violentando, quanto podia, as palavras, mas sem effeito, respondeu: Deos, cuja misericordia infinita excede a

gravidade de teus peccados, te participará com liberalissima mão a sua divina graça, & soberanos dões. Deos vos perdoe Fr. Leão, disse S. Francisco, o escandalo da vossa profia, & a falta de tão intima da obediencia Padre meu, respondeo Fr. Leão, sabe o altissimo Deos, a quem invoco para abono de minha verdade, q̄ sempre quiz alternar com vosco, assim como me tendes ordenado: mas quer Deos, que a sua divina vontade seja preferida ao vosso preceito, fazendo que eu diga, o que me ouvis, & não o que me mandais. A admirado S. Francisco da benignidade de Deos, & não menos levado do pezo do seu profundo abatimento, disse a Fr. Leão: Filho meu, ao menos hũa só vez vos peço, que me confundais com o conhecimento do nada, que sou, & que me não negueis á minha alma esta consolação. Assim o prometteo Frey Leão, & confiado na sua promessa, disse S. Francisco o ultimo verso do seu Salmo. Homem infeliz, miseravel, & cheyo de peccados, cuidas a caso, que por ser Deos infinitamente misericordioso, sendo tu summamente ingrato, terão perdão as tuas culpas na sua imensa bondade: Sim Francisco, respondeo Fr. Leão: não só serás perdoado; mas tão levanta-

do do pó, em que se sepulta o teu conhecimento, que te dará Deos gloria eterna, merecida por tua grande humilidade. E concluiu Fr. Leão: Padre meu, não vos canseis: eu não posso fallar á vossa vontade, quando Deos forma das minhas vozes as palavras, que ten tes ouvido, para obedecer á sua. Deuse finalmente São Francisco por vencido, & desfeito em lagrimas, & suspiros, se recolheo cõ Deos ao intimo de seu coração, reconhecendo os triftos da misericordia divina entre as confusões da sua baixeza, & do seu nada.

Eis aqui a verdade do nosso Thema tão certa, quando discorrida, como quando impugnada: & o assumpto do Sermão, tão verdadeiro no principio, como no fim. Dizia o Thema: *Nemo novit Filium nisi Pater*. Sõ Deos, que adoptou por filho a S. Francisco, sabe quem he este seu filho adoptivo. E bem se vio no caso, que acabamos de considerar, porque dizendo S. Francisco de si o que era; dizia Deos, que não era S. Francisco o que dizia. Como só Deos conhecia a S. Francisco, só Deos sabia, o que S. Francisco era. O assumpto do Sermão era no principio: S. Francisco conhecido, sem se conhecer: & se S. Francisco no caso

ja ponderado, depois de se conhecer , que era nada , dizia Deos, que se não conhecia São Francisco , era São Francisco conhecido , & não se conhecia: & desta sorte chegou o assumpto do Sermão a ser o mesmo no fim , que no principio : no principio , por discursos humanos ; no fim , por conceitos di-

vinos: no principio dizendo-o eu; no fim approvando-o Deos: no principio, quando para falar de S. Francisco pedimos a Deos a graça ; & no fim , quando admirando a gloria de São Francisco , esperamos de Deos a nossa : *Ad quam nos perducatur Dominus JESVS. Amen.*

## LAUS DEO.

